

# MEDITAÇÃO EM TORNO DE UMA BOLA

(Especial para o "Correio do Povo")

10/7/58

GUSTAVO CORÇÃO

Ora cá estamos nós campeões do mundo. Muito bem. Multíssimo bem. Um colega de ofício escreveu que o dr. Carvalhais, psicanalista que acompanhou o selecionado, conseguiu uma cura a distancia de sessenta milhões de complexados; e acrescentou que estamos todos de alma lavada, novinha em folha. O leitor slyudo dirá que o cronista exagera, mas a hora do desrecaque não pode deixar de conter algum exagero. Exageremos. Acompanhemos com elementar simplicidade a onda de alegria, o vento de entusiasmos que varre o país. E' gostoso ser campeão do mundo, ser o primeiro, o maior, ainda que, ao menos por enquanto, esteja numa bola o sinal de nossa superioridade. Tempos atrás, os russos fizeram alarde de uma bola metálica que, com enorme despeza, conseguiram colocar em certa eclipse sideral. Agora foi a nossa vez de colocar a bola de couro, na réde do adversário. Bola por bola, prefiro a nossa, que é mais terrestre, mais humana, mais barata, mais popular do que a soviética. Viva o Brasil. A hora é de gritar e de exagerar. Mas há lei e regra para tudo, até para o exagero; e eu creio que o dr. Juscelino Kubitschek, conhecido presidente desta república, andou mal no discurso que improvisou em Brasília quando teve notícia da vitória. Cometeu falta. Pôs a mão na bola. Praticou um penalty, quando tentou aproveitar a destreza dos rapazes patricios para fazer propaganda de seus dribles urbanísticos. O rei da Suécia foi modesto: abraçou Vavá e disse que os suecos guardariam na memória aquela extraordinária lição de futebol. Eu não acredito muito em reis, mas não posso negar que tenha sido democrático e simpático o pequeno discurso do sueco. O nosso presidente foi muito mais realista do que o rei. Tomou para si a vitória e declarou que o triunfo em Estocolmo se explicava pelas obras de Brasília. "E' o Brasil novo que começa a conquistar suas vitórias. E' o Brasil de Brasília que plantado no coração da Pátria, tem agora um espírito novo a dirigir-lhe os destinos". Assim também não! Quem fez os goals foi o Vavá, foi o Pelé, foi o Garrincha; não foi o dr. Juscelino. Nós bem sabemos que é próprio, de quem vive com uma idéia fixa, ver em função dela todos os eventos do mundo. Comprendemos o fenômeno, mas não podemos aprovar o exagero presidencial que, num momento em que sessenta milhões de pessoas se extrovertem e aplaudem a façanha de onze moços, quer aproveitá-la para si e para os seus intimos, quer transformar o pla-

card esportivo em placard eleitoral.

E' claro que se tira do futebol, como de tudo, uma lição filosófica e cívica; mas é outra, muito mais singela, muito mais instrutiva, a meditação que podemos ter em torno da Copa do Mundo. O selecionado brasileiro ganhou porque jogou melhor; e jogou melhor porque o futebol é praticado aqui, como em nenhum outro lugar, com seriedade e fervor. E isto prova que podemos alcançar outras primazias, talvez mais altas e proveitosas, se nelas nos empenharmos com igual seriedade e com o mesmo fervor. Sirva-nos o futebol de sinal, de indicação, de critério para a co-ocação de outros problemas maiores. A idéia muito difundida hoje entre nós, e pela qual nosso sub-desenvolvimento se explica principalmente pelos agentes externos, é uma idéia pouco esportiva e pouco fecunda. Fruto do ressentimento, ela conduz ao choro, à reclamação, à inimizade e ao nervosismo de fazer obra de improviso desde que tenha o sinete da nacionalização. Cumpre lembrar aqui uma lição do bom senso e da mais alta filosofia, que Santo Tomaz exprimia com esta formula lapidária: as virtudes se especificam pelo seu objeto. Em linguagem mais condizente com os sucessos do dia, diremos que um selecionado de futebol arrebatou a Copa quando se aplica à bola, objetivamente, e quando se esmera em fazer bem feita a obra que tem diante de si. O resto vem por demasia e indiretamente. A nacionalização das empresas e das riquezas do Brasil também será conseguida quando, em cada tarefa, esquecidos dos enervantes estandartes, os brasileiros se aplicarem em cultivar o esmero e a competência. Para os fanáticos do nacionalismo, as telecomunicações de nosso território devem ser dirigidas por brasileiros ainda que sejam coronéis incompetentes. Para nós, que seguimos os mandamentos do bom senso, só poderemos conseguir algum resultado, na telegrafia ou no futebol, se cultivarmos, como o Vavá, o gosto pela obra bem feita.

O entusiasmo popular tem entretanto alguns aspectos inquietantes que me parecem tão disparezados, embora mais simpáticos, quanto o discurso do presidente. Falam em dar cargos públicos, e até cargos eletivos, aos vitoriosos jogadores: Pelé seria indicado para senador o "desconhecido Garrincha" seria deputado. Ora, não acho acertada aqui a voz do povo. De acordo com o mesmo preceito de Santo Tomaz, não podemos esperar dos bravos rapazes a especial hilitação que

aqueles cargos exigem. E' verdade que, segundo a opinião dos pessimistas, a maioria dos atuais parlamentares não produz no Senado ou na Câmara resultado melhor do que, na hipótese, produziria um Garrincha. Seja como for, devemos respeitar a especificação dos objetos. O mais ardente admirador do dr. Adhemar de Barros não gostaria de vê-lo integrado como extrema esquerda do selecionado brasileiro. Não lembraria ao sr. Juscelino Kubitschek, apesar de sua crença em Brasília, enviar o dr. Israel Pinheiro para jogar em Estocolmo. Ora, o que desejamos para o futebol devemos desejar também para o Congresso. Festejamos pois os jogadores, façamos feriado nacional, enchamos as ruas de papéis rasgados, mas nada de cargos, nada de fotos. As virtudes são especializadas pelos seus objetos.

Falei atrás no sr. Adhemar de Barros e sugeri a má figura que faria no selecionado de futebol. Mas não foi melhor a figura que fez o Prefeito de São Paulo durante a irradiação do jogo. Não podendo estar em Estocolmo aos pontapés, inventou um modo muito seu de intrometer-se no jogo e de fazer constar que sua volumosa pessoa tinha um papel de destaque na vitória. Com o dr. Juscelino, o prefeito de São Paulo aproveitou o futebol para fazer uma vulgar, uma gorda propaganda de seu nome. O estilo era diferente do mineiro, mas o processo tinha o mesmo fundo e visava a transformar o trabalho dos outros em beneficio seu. Saberá o povo brasileiro que esse processo é muito feio? Saberão os eleitores votar como Pelé soube driblar e chutar?

Voltemos à lição elementar, mas muito proveitosa, que nos trouxe a vitória em Estocolmo. Os brasileiros ganharam porque jogaram muito melhor; e jogaram bem porque o futebol é aqui levado a sério e praticado com fervor. Tratem-se de estender às outras atividades a mesma regra fundamental, e não esperemos, para começar nossa parte, que o resto do mundo deixe de exercer pressão sobre nós. O mundo, apesar de também ser uma bola, tem imperfeições conhecidas. Agora mesmo, pelo que dizem as folhas, registrou-se em Estocolmo certa parcialidade do juiz que não apitou dois faults dos suecos. Quem sabe se não foi a Standard Oil que, conhecendo nossa paixão pelo futebol, pagou àquele juiz para abater o ânimo dos brasileiros e para nos arrebatou a Petrobrás? Mas nossa brava equipe zombou dos tristes e cartéis. E' competente, e provou-o. Sabe jogar, e venceu. E isto prova que nenhuma habilidade é privilégio das nações ricas e poderosas. O esmero que demonstramos no futebol pode ser aplicado na geometria, na física, na astronomia, na música, na agronomia e em tudo o mais que constitui a glória do homem, e que, como disse, não é privilégio de ninguém. O jogo, por sua origem e etimologia, é inglês. Provamos em Estocolmo que tudo pode ser vertido em vernáculo e nacionalismo, e que a força das origens históricas é menor que a força do atual fervor. Provamos agora aqui a mesma capacidade de assimilar e de traduzir a competência dos suecos em matéria de telecomunicações. Mas para começar devemos aprender o ofício, treinar os electrons, e colocar à frente do DCT um personagem tão competente como o simpático Feola. Mas não o próprio Feola! As virtudes são específicas etc. etc.

Há situações extremas em que uma nacionalidade não pode pro- r ao mundo suas virtualidades. Se em Estocolmo a interferencia dos agentes internacionais chegasse até o homicídio, se tivessem mandado envenenar Pelé, se tivessem fuzilado o técnico ou o psiquiatra, se em suma tivessem feito com o selecionado brasileiro o que os russos fizeram com os húngaros, então, apesar de toda a competência não estaríamos agora a saborear a vitória. Apovetemos pois a distancia que nos separa dos fabricantes de satélites que nos livra de sermos nós também satélites, e cuidemos de ter bom uso da folga que ainda nos dão os agentes internacionais. Parodiando o dr. Juscelino Kubitschek, eu diria que a vitória brasileira na Europa pode ser o começo de um novo Brasil. Basta, para tão grande resultado, descobrir que está nas nossas mãos, como esteve nos pés dos moços, a possibilidade de fazer tudo bem feito; e basta escolher presidentes que entendam do ofício; e deputados, vereadores e senadores que tenham o fervor, a seriedade, a noção da responsabilidade e a competência que os onze rapazes demonstraram em torno de uma bola.